

Lésbicas sem humor

Don Kulick

Antropólogo, professor titular no Departamento de Antropologia e diretor do Centro de Estudos de Gênero e Sexualidade da New York University

Traduzido por **Natasha Neri**

Este artigo examina a construção social e cultural de um estereótipo sobre lésbicas, baseado na percepção de que elas não possuem senso de humor. Analisa-se como lésbicas são retratadas por comediantes, programas de TV, quadrinhos e na literatura, e compara essas representações a outros estereótipos, como aqueles relacionados a alemães e gays extravagantes. Ao investigar as relações entre masculinidade, feminilidade e falta de humor, demonstra-se que considerar lésbicas como incompatíveis com o riso e a graça significa caracterizá-las como destituídas de humanidade.

The article **Humorless lesbians** examines the social and cultural construction of a lesbian stereotype, based on the perception that they lack sense of humor. It is analyzed how lesbians are portrayed by comedians, TV shows, comic strips, and in literature. These representations are compared to other stereotypes such as those related to Germans and campy gays. By investigating the relations between masculinity, femininity and humorlessness, it is demonstrated that considering lesbians as incompatible with laughter and fun means to depicting them as deprived of humanity.

Toda a história da filosofia do humor – desde Platão e Aristóteles, passando por Hobbes, Kant e Schopenhauer, até Freud, Bakhtin, Bergson e, talvez, mais recentemente, Simon Critchley (2002), F.H. Buckley (2003) e Michael Billig (2005) – tem consistido em uma longa meditação sobre por que algumas coisas são engraçadas. Este artigo rompe com essa nobre tradição filosófica. Não estou preocupado aqui com a razão de algumas coisas serem engraçadas, mas com o oposto: por que algumas coisas não têm graça. Estou particularmente interessado em lésbicas.

Não tenho dúvida de que ao ler que o título deste *paper* é “Lésbicas sem humor”, muitos leitores podem estar um pouco tensos, apreensivos, irritados ou ofendidos. De fato, essas eram as mesmas reações que eu costumava provocar toda vez que, conduzindo a pesquisa para este trabalho, adentrava em uma livraria gay e lésbica ou feminista e perguntava às mulheres atrás do balcão se tinham livros sobre humor lésbico ou representativo de humor lésbico. Aquelas reações eram sempre

Recebido em: 25/06/08
Aprovado em: 10/07/08

¹ Este artigo foi desenvolvido a partir de uma apresentação feita no 2º Workshop Europeu sobre Humor (2nd European Workshop on Humour), na Universidade de Bolonha, Itália. Foi recentemente atualizado para uma palestra na 5ª Conferência Internacional da Associação de Gênero e Linguagem (5th International Gender and Language Association conference) em Wellington, Nova Zelândia. Sou extremamente grato a Delia Chiaro e a Janet Holmes por terem me convidado para dar a palestra e a todos os participantes da conferência, pelas discussões estimulantes e esclare-

instrutivas. Em um caso particularmente memorável, na livraria Gay's The Word Bookstore, em Londres, a mulher a quem perguntei apertou os olhos, abaixou seus óculos, levantou-se, encarou-me tão ameaçadoramente que a amiga lésbica que havia me acompanhado até a livraria recuou discreta e seguramente até o fundo, e me perguntou, com uma voz transbordando provocação e ameaça: “Por que você quer saber?”

Em outro caso, na livraria Bluestockings Feminist Bookstore, em Nova York, as duas vendedoras de livros trataram minha pergunta como uma espécie de quebra-cabeças a ser resolvido. “Rhonda”, gritou pela loja a atendente à sua colega. “Nós temos algum humor lésbico?”. “Humor lésbico?”, berrou de volta Rhonda, “Eita, eu num sei. O que viria a ser isso?”

Muitas idas e vindas barulhentas, seguidas de gritos pela loja, e, ao final, Rhonda e Carol concluíram que humor lésbico estava em falta. Elas recomendaram que eu tentasse a livraria Oscar Wilde, no coração do *gay village* de Nova York. Então eu tentei. Quando perguntei à vendedora afro-americana de lá se tinha algum humor lésbico, ela me dirigiu ao último volume da tirinha *Dykes to Watch Out For* (*Sapatonas com que Tomar Cuidado*), que discutirei abaixo, e que, como expliquei a ela, eu já tinha. Isso a fez parar para pensar, mas ela estava determinada a não me deixar sair da loja de mãos abanando. Depois de matutar por alguns minutos, ela foi até a estante e tirou uma biografia recentemente publicada chamada *Weeding at Dawn: A Lesbian Country Life* (*Capinando ao Amanhecer: Uma Vida Lésbica no Campo*). A autora dessa publicação é uma mulher que trocou de nome em homenagem a um pássaro e uma árvore, Hawk Madrone². A contracapa era decorada com elogios calorosos de pessoas que haviam escrito livros com títulos como *Cactus Love* (*Amor de Cacto*). Depois entendi – é claro que o comprei – que *Weeding at Dawn* é um livro sobre o dia-a-dia de uma lésbica branca de meia-idade em sua propriedade isolada, orgânica e só para mulheres. A autora descreve sua rotina diária, dividida com sua parceira, Bethroot, e seus gatos, que têm nomes como Lilith e Missy Moonshine. Essa rotina consiste em atividades como regar o jardim com sua própria urina e adubar as plantas com estrume, só que com fezes suas e de outras mulheres – o que ela chama de “*womanure*”³ (2000, p. 89).

“Não sei se a mulher que escreveu isso queria que fosse engraçado”, comentou a vendedora de livros da Oscar Wilde, “Mas eu achei cômico”.

cedoras. Também agradeço aos membros do Centro de Estudos de Gênero (Center for Gender Studies) da Universidade de Estocolmo, por seus comentários sobre uma apresentação anterior deste artigo. Sou grato a Christopher Stroud e Heinz Leo Kretzenbacher pela leitura crítica de uma versão prévia e agradeço a Deborah Cameron pelas muitas conversas sobre humor, lésbicas e *Weeding at Dawn* (*Capinando ao amanhecer*).

² *Hawk* é a palavra em inglês para *falcão* e *Madrone* é um tipo de arbusto da região da Costa Oeste da América do Norte, a *Arbutus menziesii*, conhecida em português como morangueira, embora não seja uma árvore de morangos (N.T.)

³ *Womanure* é um trocadilho, produzido pela junção das palavras *woman* (mulher), e *manure* (estrume) (N.T.)

Relembro essas reações com alguns detalhes porque elas são, como mencionei, reveladoras a respeito dos tipos de coisas que as pessoas parecem pensar quando a expressão “humor lésbico” é enunciada. O termo é recebido tanto com perplexidade (como na pergunta de Rhonda: “O que viria a ser isso?”), com uma leve sugestão de que se pode rir de lésbicas pois elas não têm nenhuma distância irônica de si mesmas – como sugere o exemplo do livro *Weeding at Dawn* –, quanto como uma espécie de ousadia, insinuação ou acusação de que lésbicas realmente não têm humor em hipótese alguma, e que a única razão para eu, como homem, entrar em uma livraria e pedir isso é querer ridicularizar lésbicas. Isso é claramente a suspeita por detrás da reação que obtive na livraria Gay’s the Word.

Eis, portanto, minha questão. Há uma percepção, difundida certamente no mundo dos nativos da língua inglesa pelo menos, de que lésbicas são sem humor. De fato, uma das piadas sobre lésbicas mais amplamente disseminadas é precisamente sobre isso. É o seguinte: “How many lesbians does it take to screw in a lightbulb?” (“Quantas lésbicas são necessárias para se arrochar uma lâmpada?”). Em inglês, “screw” tem um duplo sentido, podendo significar aparafusar ou o ato sexual. A resposta, que deve ser dada em um murmúrio curto e grosso é: “Lesbians don’t screw” (“Lésbicas não arrocham”). Outra versão da mesma piada sustenta a idéia da falta de humor de uma maneira ainda mais óbvia. Nesta versão, que aparece no livro de autoria lésbica *So you Want to Be a Lesbian? (Então você Quer Ser uma Lésbica?)*, a piada é assim: “How many lesbians does it take to screw in a lightbulb?”; e a resposta, que, novamente, deve ser dada em um murmúrio curto e grosso, é: “That’s not funny” (“Isso não tem graça”) (TAYLOR e PORKONY, 1996, p. 175).

Assim, a questão a ser abordada neste artigo é: por que as pessoas pensam que lésbicas não têm humor? Permita-me, então, finalmente acabar com o suspense e acalmar qualquer leitor ainda ansioso declarando francamente que meu interesse neste texto não vai ser o de afirmar que lésbicas realmente não têm senso de humor. Há muitas lésbicas engraçadas – aliás, daqui a pouco discutirei vários exemplos de humor lésbico. Se alguém tentar medir essas questões numa investigação empírica, não há motivo para acreditar que não se descobriria que pessoas lésbicas não têm consideravelmente nem mais nem menos humor do que pessoas que não são lésbicas.

Então por que existe um estereótipo que insiste que lésbicas não têm humor? Pode-se pensar que o estereótipo é uma manifestação de homofobia, expressada precisamente em caricaturas denegridoras de homossexuais. No entanto, até quando essa certeza é o caso, o que dizer sobre os homens gays? Eles também são alvo de homofobia, mas são estereotipados de maneira oposta – não pela falta de humor, mas, *au contraire*, como esplendorosamente engraçados e *campy*⁴. O argumento da homofobia é enfraquecido ainda pelo fato de que até mesmo algumas lésbicas parecem acreditar que lésbicas não têm senso de humor. As acadêmicas feministas lésbicas Julia Penelope e Susan J. Wolfe, por exemplo, lamentam num artigo sobre humor lésbico que a dificuldade delas “ao tratar de humor lésbico é que poucas lésbicas parecem ter consciência de sua existência” (1979, p. 15). Outra pesquisadora cita uma ativista lésbica, que explica que lésbicas “ainda não sabem em quais coisas podem rir de si mesmas. É muito preliminar. A definição está evoluindo, porque nós ainda estamos no estágio em que nos levamos tão a sério, nós precisamos fazê-lo, que quase não confiamos umas nas outras para rir” (MCDONALD, 1984, p. 295).

Humor lésbico

Só para deixar bem claro que não estou reivindicando que lésbicas não têm humor de fato, deixe-me fornecer alguns exemplos de humor lésbico. Como Janet Bing e Dana Heller (2003) apontaram, esse gênero de humor se manifesta de diversas formas. Um lugar em que muitas pessoas podem vê-lo é em adesivos (Imagem 1) e em camisetas (Imagem 2), como nos exemplos:

Imagem 1

4 Optou-se por não se traduzir o adjetivo *campy*, que se refere ao portador de uma estética e/ou humor irônico, sarcástico, debochado, extravagante e teatralizado, tipicamente associado a homens gays afeminados (N.T.).



Imagem 2

Também é uma característica de revistas independentes, gibis e quadrinhos sobre lésbicas, como *Dykes to Watch Out For* (*Sapatonas com que se Tomar Cuidado*), de Alison Bechdel, uma tirinha licenciada⁵ que tem aparecido em vários jornais e revistas para gays e lésbicas nos últimos 20 anos e resultou em uma coleção de 11 livros:

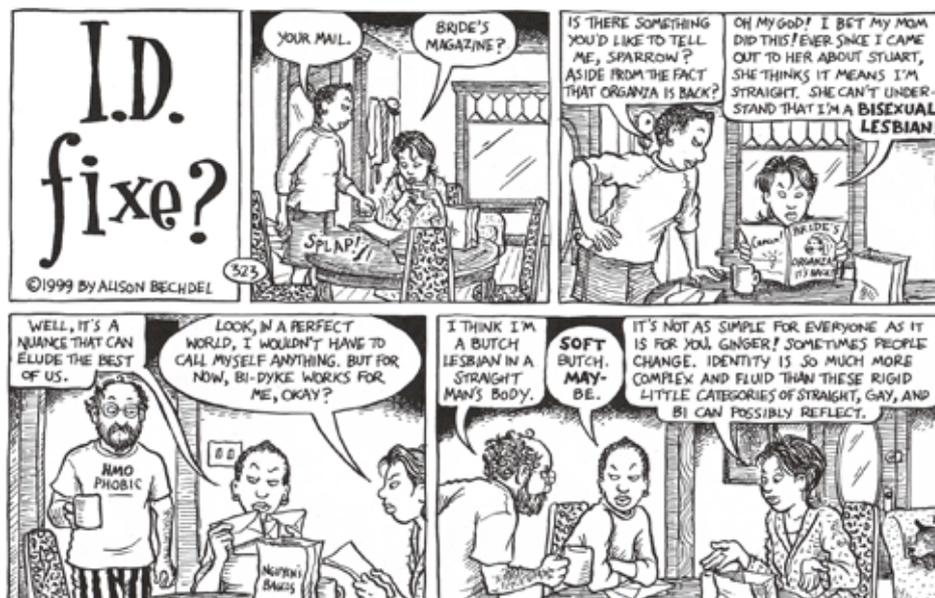


Imagem 3

Ginger: Sua correspondência.

Sparrow: Revista de noivas?

Ginger: Você tem alguma coisa para me falar, Sparrow? Além do fato de que a organza está de volta?

Sparrow: Ai, meu Deus! Aposto que minha mãe fez isso. Desde que eu contei a ela sobre o Stuart, ela acha que isso significa que sou heterossexual. Ela não consegue entender que eu sou uma lésbica bissexual!

Ginger: Bem, é uma nuance que pode iludir as melhores de nós.

Sparrow: Olha, em um mundo perfeito, eu não teria que me chamar de nada. Mas, por enquanto, sapatona-bi funciona para mim, OK?

Stuart: Acho que eu sou uma lésbica machona no corpo de um homem heterossexual.

Ginger: Machona light. Talvez.

Sparrow: Não é tão simples para todo mundo como é para você, Ginger! Às vezes as pessoas mudam. A identidade é muito mais complexa e fluida do que essas categoriazinhas rígidas de heterossexual, gay e bi podem refletir.

⁵ O termo original, *syndicated*, refere-se a uma prática típica do mercado de tirinhas dos Estados Unidos, mas sem um correspondente específico no Brasil. Na *syndication*, uma empresa, um *syndicate*, torna-se responsável pela venda de licenças de publicação das tirinhas para vários jornais e revistas (N.E.)

Outra tirinha lésbica popular é *Hothead Paisan: Homicidal Lesbian Terrorist* (*Irmã Cabeça Quente: Terrorista Lésbica Homicida*), de Diane Dimassa. *Hothead Paisan* é uma lésbica vingativa e furiosa que lida com misoginia ou homofobia, atirando no ofensor – sempre um homem –, picotando-o com um machado, cortando-o ao meio com uma motosserra, arrancando sua coluna vertebral com alicates gigantes, e, bem, você já tem uma idéia. Muito desse humor é suscitado por meio da escandalosa quebra de tabus sobre a maneira como mulheres devem se comportar em um mundo patriarcal – ver Queen (1997) para uma análise divertida e esclarecedora. Eis um exemplo típico de *Hothead* (1999, pp. 283-284):



Imagem 4



Imagem 5

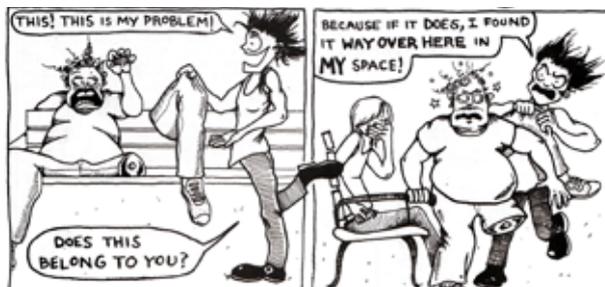


Imagem 5 (continuação)

Hothead Paisan: É... Com licença.

Homem: Qual é teu problema?

Hothead Paisan: Esse. Esse é o meu problema. Isso pertence a você?

Hothead Paisan: Porque, se, pertencer, eu achei que está invadindo demais o meu espaço.



Imagem 6

Hothead Paisan: Meu espaço! Meu espaço!
Hothead Paisan: Minha porra de espaço! O filho da puta do meu espaço!
Hothead Paisan: E você, humpf, fique fora dele!
Hothead Paisan: Meu espaço!
Hothead Paisan: Ufa! Daphne! Que bom que você esperou.
Daphne: Esperar? Eu não ria assim desde... desde....
Hothead Paisan: Ontem?

Além de quadrinhos, adesivos, camisetas e todo o resto, o humor lésbico também pode ser encontrado em performances de mulheres como Sandra Bernhard, peças de dramaturgas lésbicas como Lisa Kron e Holly Hughes, e livros de autoras lésbicas como *So You Want To Be A Lesbian?* (TRACEY e POKORNY, 1996), mencionado acima, ou *The Inflatable Butch – A Machona Inflável* (ORLEANS, 2001). Há também esquetes humorísticos, como aqueles da comediantes americana Lily Tomlin, ou aquele apresentado num programa de TV neozelandês, *The Topp Twins (As Gêmeas Topp)*, estrelado por duas irmãs gêmeas, Lynda e Jools Topp, ambas lésbicas publicamente assumidas e politicamente ativas (ver: www.topptwins.co.nz)⁶.

Além de todos os livros, revistas e esquetes humorísticos, também há a *stand-up comedy*, uma forma de humor na qual lésbicas, como as mulheres em geral, penetraram nos últimos 15 anos. Um exemplo desse tipo de comédia é uma piada de um livro de Lea Delaria, uma conhecida comediantes americana. Muito do humor dela baseia-se em zombar dos dois estereótipos de lésbicas e de verdadeiros tipos de lésbicas, como a seguir (DELARIA, 2000, p. 55):

Não vou me chamar de lésbica, porque soa como alguém que você chama para consertar coisas em sua casa. “Querida, o ar condicionado quebrou. É melhor chamar a lésbica”.
Prefiro “sapatona”, mesmo se, ao fazê-lo, esteja inadvertidamente aliando-me a feministas companheiras esotéricas mulheres chavadamontanha. Me refiro àquelas que se pintam de alfazema, dançam nuas em volta de fogueiras e têm barba. Quero segui-las secretamente como um terrorista à paisana e sussurrar coisas como “pinça”.

6 Obrigado a Janet Holmes, quem primeiro me falou sobre as gêmeas.

De modo semelhante, Lea Delaria também zomba da *lesbian chic* (“lésbica chique”), nome dado ao fenômeno no

qual, nos anos 1990, lésbicas foram, de repente, promovidas pela mídia como atraentes, na moda e *sexy*. Delaria satiriza a lésbica chique ao imaginar o roteiro de um anúncio de TV apresentado por elas (DELARIA, 2000, pp. 130-31):

INT: Câmera entra em *fade in* em um quarto nebuloso. Duas figuras esfumaçadas estão deitadas na cama. Quando a câmera entra em foco, vemos que elas são muito gordas e vestem pijamas de flanela. Close: A primeira mulher olha diretamente para a câmera

Mulher Um

Sou gorda e estou vendo *Xena: A Princesa Guerreira*.

INT: Mulher Dois vira para o lado. Vemos que ela está segurando um bastão de hóquei.

INT: Dois gatos correm pela cama.

Mulher Dois (*chamando os gatos*)

Gertrude. Alice.

INT: Um gato derruba uma caneca de chá preto indiano.

INT: As duas mulheres se encaram profundamente, olhos nos olhos.

Mulheres Um e Dois (*em uníssono*)

Sou gorda e estou vendo *Xena: A Princesa Guerreira*.

A câmera sai de foco enquanto as mulheres encostam suas cabeças.

OFF (feminino)

Trompas de Falópio, a nova fragrância de Calvin Klein.

Câmera em *fade out* enquanto uma gaivota canta.

O humor nesse anúncio imaginado emerge da incompatibilidade entre a invenção midiática de lésbicas elegantes e estilosas que compram perfumes Calvin Klein caros e o estereótipo mais comum de lésbicas acima do peso, que lêem Gertrude Stein, tomam chá de ervas, amam gatos e são feministas, vestidas com flanela, e fãs de esportes. *Xena: A Princesa Guerreira* é um programa de TV americano protagonizado por uma agressiva heroína amazona, Xena, que tem como

parceira uma jovem guerreira em treinamento (não surpreendentemente, elas têm uma legião de seguidoras lésbicas). A gaiivota está ali porque, há alguns anos, zoólogos disseram ter descoberto que gaiivotas fêmeas de algumas espécies se associam por longos períodos com outras fêmeas. Eles puderam apontar quais gaiivotas eram lésbicas porque eram elas que traziam consigo seus caminhões de mudanças quando chegavam para o segundo encontro – esta última frase, para os não-iniciados, é um exemplo de uma piada entre lésbicas, uma que é analisada a fundo em Bing e Heller (2003).

Certamente seria possível fazer uma análise de conteúdo de todo esse tipo de material, para avaliar se há temas identificáveis como típicos de desse humor. É precisamente isso que pesquisadores desse humor tentaram fazer em artigos acadêmicos que chegam à mesma conclusão, não-surpreendente, mas sim evidente, de que o humor de lésbicas se baseia em um conjunto de referências lésbicas e pode reforçar a identidade e a comunidade delas – ver Bing e Heller (2003) e Queen (1997, 2005). A maneira como o humor de lésbicas também pode disciplinar, ridicularizar, insultar e desestabilizar a identidade e a comunidade lésbicas é um tema interessante, mas não abordado por ninguém, por razões que merecem ser examinadas e debatidas em algum momento. De todo modo, embora aquele tipo de análise seja interessante e esclarecedor, não é o que me interessa aqui. Em vez disso, tendo evidenciado que inegavelmente existe algo que seja um humor lésbico, quero retornar a minha questão sobre a razão de existir um estereótipo de que lésbicas não têm humor. Perceba que estou fazendo uma indagação sociológica a respeito de como o humor é socialmente distribuído. Por que o humor é dividido de modo que alguns grupos – como, por exemplo, homens gays, judeus ou afro-americanos – são vistos como naturalmente engraçados, enquanto outros – como alemães ou lésbicas – são estereotipados como congenitamente sem senso de humor?

Alemães e outros tipos sem humor

Alemães são uma categoria interessante de paralelo ao caso das lésbicas, porque, como elas, há uma suposição difundida

da de que eles não têm senso de humor. Escreva as palavras “alemães sem humor” no Google e você vai obter 250 mil respostas⁷. Interessantemente, a afinidade, nada hilária, entre alemães e lésbicas é explicitamente relacionada em um site chamado *Lesbian or German Lady? (Lésbica ou Alemã?)*, em que visitantes são convidados a olhar fotos de mulheres e adivinhar se são lésbicas ou mulheres germânicas (www.blairmag.com/blair4/dyke).

O estereótipo do alemão sem humor é uma marca na comédia anglo-americana. Desde o personagem Adenoid Hynkel, de Charlie Chaplin, em *O Grande Ditador*, até programas de humor de TV, como o britânico doloroso *‘Allo ‘Allo* ou o americano execrável *Guerra, Sombra e Água Fresca* (no original, *Hogan’s Heros*), até o famoso esquete de John Cleese *Não Mencione a Guerra (Don’t Mention the War)* no seriado *Fawlty Towers*, alemães são retratados como exigentes, estúpidos, viciados em trabalho, obsessivos com ordem e limpeza (Ria Lina, uma comediantes mestiça de Londres, interpreta uma série sobre sua mãe filipina e seu pai alemão: “I don’t just clean your house. I exterminate all *ze germs*”⁸). Além de tudo isso, alemães são sempre sem humor. Da mesma forma que lésbicas acham que outras lésbicas não entendem sobre humor lésbico, o estereótipo de alemães sem senso de humor também é expressado por alemães. Há alguns anos, um deles criou uma rede nacional de “clubes do riso”, que encorajaram germânicos a se encontrarem uma vez por semana para praticar a risada e contar piadas. Michael Berger, fundador dos clubes de riso, explicou que: “Alemães não têm senso de humor. O alemão é uma pessoa muito séria, e gosta muito de reclamar... Alemães perderam a arte do riso”⁹.

Antes de eu começar a fazer a pesquisa para este artigo, pensava que o estereótipo de alemães sem humor tivesse surgido durante a Segunda Guerra Mundial, como parte das campanhas de propaganda dos aliados – de maneira semelhante ao que considero estar acontecendo agora em relação aos muçulmanos, que são recorrentemente retratados como fanáticos sérios, completamente sem senso de humor.

Entretanto, as pessoas consideram que alemães não têm humor há mais de dois mil anos. A idéia remonta pelo menos ao historiador romano Tácito, que viveu no primeiro século depois de Cristo. Tácito descreve os germanos como beber-

7 Em 20 de junho 2008, 169 mil respostas para “humorless Germans” e 78,2 mil para “humourless Germans”.

8 Manteve-se o original em inglês a fim de manter o sentido da piada, dado pelo “ze”, ironia com a pronúncia com sotaque alemão da palavra “the”, em inglês. Uma versão em português da piada seria: “Eu não apenas limpo sua casa. Eu exterminar todas as germes”. (N.T.)

9 <http://www.btimes.co.za/99/0829/columns/columns3.htm>

rões violentos, amantes da guerra, que “amam a ociosidade tanto quanto odeiam a paz” (TÁCITO, 1999, p. 45) e que carecem totalmente de finura e delicadeza” (TÁCITO, 1999, p. 49). Esta última observação é quase idêntica ao comentário de Madame de Stäel, em uma carta escrita 18 séculos depois, de que a língua alemã é “incapaz” de ter a delicadeza do francês (JAMESON-CEMPER, 2000, p. 30), e que “os alemães não são naturalmente frívolos, há sempre algo melancólico em sua alegria, o que sempre induz alguém a perguntar: ‘Então por que você faz isso?’” (2000, p.187)¹⁰. Ao expandir comentários como esse em seu livro *De l’Allemagne*, publicado em 1810, De Stäel explicou que alemães não sabem escrever comédias porque são inteligentes, mas sérios, sem graça, e sem “gaieté” (FOLKENFLIK, 1987, pp. 42-43). Algumas décadas antes do livro de De Stäel sobre alemães, Lord Philip Chesterfield, um diplomata britânico que escreveu cartas sobre etiqueta a seu filho, comentou que “alemães são raramente perturbados por alguma efervescência extraordinária de humor e é prudente não tentar isso com eles”. Mais tarde, Friedrich Nietzsche, ele mesmo um alemão, claro, observou que “tudo que é sério, viscoso e pomposamente grosseiro, todos os tipos de estilo enfadonhos e tediosos são desenvolvidos com variedade entre os alemães”¹¹.

As explicações dadas por autores que vêem alemães como sérios, indelicados, estúpidos, sem alegria nem graça variam. Para muitos, a falta de senso de humor dos alemães é um resultado do clima frio de seu país. Escritos franceses, em particular, enfatizam a frieza do clima e das pessoas da Alemanha. Madame de Stäel, na verdade, divide a Alemanha entre o Norte, frio e prussiano, e o Sul, católico, mais moderado. É no Norte em que se encontra a figura alemã mais fria e menos divertida. Outra explicação pode ser encontrada no livro clássico de Max Weber *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, em que ele argumenta que as idéias de Lutero de que o trabalho é uma “missão” dada por Deus e de que a obrigação religiosa de uma pessoa envolve uma performance confiável, pontual e eficiente das tarefas de sua vocação estabeleceram a base para o desenvolvimento de uma ética que enfatiza obrigação, disciplina e controle (WEBER, 2002).

Minha explicação favorita para a falta de senso de humor, entretanto, foi dada há poucos anos por David Myers, um

10 Agradeço profundamente a Heinz Leo Kretzenbacher por me indicar Tácito e Madame de Stäel como fontes de estereótipos de alemães sem senso de humor.

11 Citações de Chesterfield e Nietzsche retiradas de Rosten (1996, p. 333).

psicólogo do Hope College, nos Estados Unidos. De acordo com Myers, alemães são zangados e não têm senso de humor porque a língua alemã os torna assim. Ele argumenta que os movimentos musculares necessários para se produzir fonemas alemães – Myers aponta o [ü] como o verdadeiro culpado – os faz franzir o rosto e parecer mal-humorados. E muito franzimento, afirma o professor Myers, leva as pessoas a ficarem infelizes. Graças a Deus para o inglês, que, como explica Myers, ele tem muitos [e] e [ah] – sons que são muito mais alegres e levam as pessoas a humores melhores (*BBC News*, 2000).

O problema de explicações como a teoria do franzimento do professor Myers ou as observações sobre o clima de Madame de Staël é que não são respostas à questão que estão tentando entender – são sintomas dela. Em outras palavras, não fazem mais do que contribuir para e aumentar o estereótipo. Talvez agora seja o momento de declarar a minha visão de que o estereótipo da falta de senso de humor não é banal nem tolo. Ao contrário: reivindicar que um grupo em particular não tem senso de humor é uma fatídica declaração de que lhes falta humanidade. Aristóteles pensava que o riso era o que distinguia a espécie humana dos animais – uma reivindicação incontestada por mais de dois milênios. O significado disso, em termos sociais, é que estimular uma visão de que grupos particulares são sem humor equivale a desumanizá-los.

Permita-me dar um exemplo: dada a conexão atual entre judeus e humor – pensemos em Woody Allen, Jerry Seinfeld, Mel Brooks, Os Irmãos Marx, Bette Midler, Joan Rivers, os primeiros filmes de Barbra Streisand, livros campeões de venda como *The Joys of Yiddish (Prazeres do Iídiche)*, de Leo Rosten –, pode ser surpreendente descobrir que, em eras passadas, um dos principais estereótipos judeus era de que eles não tinham senso de humor. O filósofo francês e orientalista Ernest Renan (1823-1892) escreveu, em 1855, que “os povos semitas são quase completamente sem curiosidade e capacidade de rir”. O autor escocês Thomas Carlyle (1795-1881) é citado por declarar que judeus não demonstraram nenhum sinal de humor em nenhum período de sua história. Observações como essas motivaram a resposta de ninguém menos que o rabino-chefe de Londres, Hermann Adler, que, em 1893, publicou um artigo tentando refutar o estereótipo e provar que o povo judeu

12 As observações de Renan and Carlyle são citadas em Adler, 1893: 457. O método de Adler para refutar tais observações era recontar histórias engraçadas sobre rabinos e judeus, e citá-las a partir da Torá – em outras palavras, fazer o mesmo que Leo Rosten faz, dois séculos depois, em seus livros sobre o humor ídiche e judeu.

13 Lançado em janeiro de 2006, este filme é resumido em seu site como “uma hilariante história sobre o que acontece quando o governo dos EUA envia o comediante Albert Brooks à Índia e ao Paquistão, para descobrir o que faz rirem os 300 milhões de muçulmanos da região” (<http://wip.warnerbros.com/lookingforcomedy>; visitado em 20 de fevereiro de 2006). Infelizmente, o filme não faz jus a essa promessa. Ele não só acaba não contando nada sobre o humor local, como também reitera argumentativamente muitos dos estereótipos correntes sobre muçulmanos sem humor – como o de que, se muçulmanos não riem das mesmas piadas que entretêm alguns tipos de americanos, então eles não têm senso de humor.

tinha, sim, senso de humor¹². Não é difícil entender porque o rabino Adler envolveu-se com o problema: ele estava ciente das possíveis conseqüências de se adicionar a falta de senso de humor à imensa carga de estereótipos negativos a respeito de judeus. Outro exemplo desse mesmo processo, como mencionei anteriormente, está ocorrendo diante de nossos olhos: estamos testemunhando a criação do muçulmano sem humor. Todo dia vemos nas telas de nossas televisões muçulmanos barbudos, muçulmanas com véu, gritando, berrando, lamuriando-se, jogando pedras, erguendo seus punhos em provocação indignada. Quem pode se lembrar da última vez em que viu uma imagem de um muçulmano rindo, ou contando uma piada? Obviamente, os muçulmanos sem humor são um subconjunto do estereótipo do “fundamentalista religioso sem humor”. A falta de senso de humor, pelo menos no Ocidente, parece ser colada ao devoto religioso – e é por isso que imagens de “Cristo sorridente”, por exemplo, são raras, chocantes e, para alguns, inapropriadas ou até blasfemas (considerando o filme *A Paixão de Cristo*, 2004, de Mel Gibson, é muito menos controverso retratar sadicamente Cristo sangrando e em agonia do que seria retratá-lo contando piadas). O problema sociológico interessante é como e por que tipos particulares de devotos religiosos, em momentos particulares, passam a ser vistos como ícones da falta de humor. Aí está um estudo importante a ser feito por alguém interessado em humor (um que foi tocado – mesmo que sem sucesso – pelo comediante americano Albert Brooks, em seu filme recente *Missão Comédia*, no original, *Looking for Comedy*)¹³.

Em todo caso, meu argumento é que a crença na falta de humor de lésbicas não é irrelevante. Sem dúvida, o peso da acusação pode explicar a reação defensiva que minha pergunta sobre humor lésbico provocou na vendedora da livraria Gay’s The Word. Conscientemente ou não, ela entendeu que humor é algo sério, e que considerar lésbicas como sem humor é denegri-las.

A gênese da falta de humor

De que modo então podemos pensar sobre como certos grupos passam a ser vistos como sem humor? A história social

tem um importante papel aqui. Análises sobre o estilo *camp* de homens gays, por exemplo, enfatizam com frequência o papel do humor *camp* como um tipo de defesa. Bruce Rodgers, o compilador de *The Queen's Vernacular (Vernáculo das Bichas)*, com mais de 12 mil palavras – o mais extenso dicionário de gírias gays existente – resumiu a opinião de muitos acadêmicos quando escreveu que a gíria gay era “a poesia de rua da bicha. Ela foi inventada, cunhada, falada e gritada pelos estereótipos gays. A bicha extravagante, homens que parecem mulheres, que desmunhecam visivelmente... Eles estereotipam os outros porque foram rotulados ofensivamente... Eles escarnecem porque foram zombados, eles retaliam com uma enxurrada de palavras próprias que ridicularizam as mulheres, a virilidade masculina, a santidade do casamento, tudo de que eles são divorciados na vida” (RODGERS, s. d.). De maneira similar ao que Rodgers reivindica por *camp*, estudiosos do humor judaico – que, segundo um autor, “é único em sua habilidade de encontrar graça em meio a lágrimas e tornar toleráveis situações trágicas” (ADLER, 1998, p. 19) – enfatizam que ele foi desenvolvido em resposta ao extremo sofrimento vivenciado pelo povo judeu ao longo dos séculos.

É interessante e de certa forma curioso que historiadores e cientistas sociais pareçam concordar claramente que o humor nunca teve papel particularmente importante na formação ou manutenção de comunidades lésbicas¹⁴. Isso acontece apesar do fato de que lésbicas identificáveis foram alvo de assédio e, por vezes, homofobia depravada. Em seu estudo sobre a comunidade lésbica de Buffalo, em Nova York, durante os anos 1940 e 1950, por exemplo, as historiadoras Elizabeth Kennedy e Madeline Davis notam uma diferença “impressionante” entre as comunidades lésbica e de homens gays. Elas escrevem que “qualquer um que fale com essas antigas machonas não fica impressionado com um senso de humor do tipo *camp*, como alguém fica quando escuta ou lê sobre as antigas bichas” (KENNEDY e DAVIS, 1993, p. 383).

Kennedy e Davis argumentam que a razão pela qual a cultura lésbica parece nunca ter desenvolvido um senso de humor *camp* ou particularmente característico é porque a hierarquia de gênero afeta homens e mulheres de maneiras diferentes. Elas reivindicam que a persona da lésbica machona, “centrada em cuidar fisicamente de lésbicas... e pro-

14 Por outro lado, abordagens recentes sobre o humor lésbico enfatizam que lésbicas usam o humor como “meios narrativos de autoconstrução e imaginação comunitária” (BING e HELLER, 2003, p. 157) e “um processo interativo através do qual a similaridade é criada, reconhecida e solidificada” (QUEEN, 2005, p. 244). Pode ser questionado se essa atenção à função do humor como construtivo de uma comunidade lésbica é um desenvolvimento histórico recente da sociabilidade lésbica ou um artefato da interpretação acadêmica, que, inevitavelmente, destaca aspectos particulares da interação social e minimiza outros – como as implicações conflituosas do humor (DAVIES, 2004, pp. 319-20). Meu palpite é que a atenção à dimensão da solidariedade do humor lésbico é resultado de ambos os fenômenos.

tegando e defendendo os direitos das mulheres que vivem independentemente de homens e buscam ligações eróticas com outras mulheres... A *persona machona*, ao contrário da *bicha* (homem gay), carrega o fardo da luta das mulheres, no século 20, pelo direito de agir independentemente no espaço público. O *camp* não foi feito para essa tarefa” (KENNEDY e DAVIS, 1993, p. 383).

É uma observação intrigante, mas é mais uma afirmação do que uma explicação. Não fica claro por que Kennedy e Davis vêem o humor como necessariamente incompatível com a luta das *machonas* para conquistar um lugar para as lésbicas no espaço público. Um sentimento comum de vitimização poderia ter criado uma resposta humorística comum à opressão, como criou em muitos grupos oprimidos. *Bichas* afeminadas, para voltar àquele exemplo, geralmente tiveram, porque eram homens, mais acesso ao espaço público do que as mulheres. Mas estaríamos enganados ao imaginar que o mundo em geral era um lugar particularmente amistoso e receptivo em relação a *bichas*. Como lésbicas *machonas*, *bichas* tiveram de estar continuamente prontas para se defender contra assédio e ataques físicos por aqueles que rejeitavam vê-las em público. Apesar dessa ameaça constante de assédio e ataque, *bichas* desenvolveram o humor *camp* como uma de suas estratégias de defesa. Não fica óbvio por que lésbicas não poderiam fazer algo similar.

Por outro lado, é importante a insistência de Kennedy e Davis de que o humor lésbico só pode ser entendido no contexto da opressão de gênero. Isso chama a nossa atenção para o fato crucial de que lésbicas são mulheres. O significado disso, neste contexto, é que, de modo geral, na cultura americana, as mulheres não são vistas como particularmente engraçadas. Esse tema perpassa todos os livros ou artigos já escritos sobre mulheres e humor. E ainda é regularmente reciclado: em um texto sobre a comediantes americana Sarah Silverman na revista *The New Yorker*, em 2005, a jornalista Dana Goodyear apontou que “a comédia é provavelmente a última área das artes cuja apropriação por mulheres ainda é discutida abertamente”. E é verdade: incrivelmente, um de seus casos mais recentes foi um artigo longo, arrogante (mas muito comentado) do jornalista Christopher Hitchens inti-

tulado *Why women aren't funny* (*Por que as mulheres não são engraçadas*), na revista *Vanity Fair* de janeiro de 2007¹⁵.

Ninguém poderia argumentar que o estereótipo de lésbicas sem humor aparece porque, se as mulheres são consideradas como sem nenhum senso de humor, então lésbicas – que são, como elas próprias dizem, “às vezes” identificadas com mulheres – devem ter ainda menos humor que mulheres heterossexuais. Um problema com o argumento de que lésbicas são vistas como sem humor porque são, de certa forma, “mais femininas” do que mulheres heterossexuais é, claro, que lésbicas não são estereotipadas como sendo “mais femininas” do que mulheres heterossexuais – assim como homens gays não são estereotipados como sendo “mais masculinos” que homens heterossexuais. Quase o oposto. Apesar das lésbicas chiques e daquelas de unhas e cabelos longos da pornografia heterossexual, o mais comum estereótipo de lésbicas, como apontou a estudiosa da mídia Suzanna Walters, é de que elas são todas “vestidas com camisas flaneladas, acima do peso, com pernas cabeludas e ‘inimigas do homem’” (WALTERS, 2001, p. 161). Esse é o estereótipo que Lea Delaria satiriza em seu anúncio fictício da “nova fragrância de Calvin Klein”, citado acima. Então, apesar de existir, sem dúvida, algo de verdadeiro na idéia de que uma das razões para lésbicas serem consideradas sem humor é o fato de serem mulheres, deve haver mais do que isso.

Em seu livro pioneiro, *A Very Serious Thing: Women's Humor and American Culture* (*Uma Coisa Muito Séria: Humor das Mulheres e Cultura Americana*), a pesquisadora de literatura Nancy Walker nos fornece uma pista do que isso pode ser. Walker discute o fato de que feministas são tidas como um tipo particular de mulher sem humor. Ela sugere que o estereótipo da feminista sem senso de humor surge porque uma mulher que se dedica a uma causa, em vez de a um homem, perde sua feminilidade (WALKER, 1988, p.140). A perda da feminilidade tem conseqüências nas percepções da falta de senso de humor, pois, apesar de as mulheres não deverem cultivar o talento cômico, espera-se que elas cultivem a si mesmas como um público apreciador dos homens: sorrindo para perecerem recatadas, e rindo das piadas que homens contam – até quando as mulheres são o alvo dessas piadas. A observação de Walker relaciona-se com pesqui-

15 Em seu livro *Women and Laughter* (*Mulheres e o Riso*) Frances Gray observa que : “...desde que a palavra ‘humor’ surgiu, há cerca de trezentos anos, para designar a capacidade do riso em vez de um fluido corpóreo, homens e, de fato, algumas mulheres, têm reiterado [o axioma ‘Mulheres não tem nenhum senso de humor’]” (GRAY, 1994, p. 3), com a ordem das sentenças invertida. Outros exemplos são Barreca (1988, 1992), Finney (1994), Horowitz (1997), e Walker (1988).

sas empíricas que demonstram que: a) mulheres riem mais quando homens falam do que quando outras mulheres falam; e b) em anúncios de encontros heterossexuais, mulheres procuram com mais frequência homens com senso de humor¹⁶ (ou seja, buscam homens que vão fazê-las rir). Homens, por outro lado, apresentam senso de humor em seus anúncios – isto é, apresentam humor para que as mulheres riam (PROVINE, 2000, pp. 27-30; pp. 32-35).

O argumento de Nancy Walker sobre a relação entre feminismo e humor funciona em relação a lésbicas porque, se o critério para se ter senso de humor é ser homem ou ser devotada a um, então lésbicas fracassam em ambos. Mas a tese de Walker está incompleta, porque, apesar de esclarecer algumas das ligações entre feminilidade e humor, deixa amplamente inexplorada a relação entre masculinidade e humor. O que tem uma influência direta e crucial sobre as lésbicas.

Adentremos no trabalho da estudiosa de literatura homossexual Judith Halberstam sobre o que ela chama de “masculinidade feminina”, ou seja, a masculinidade desempenhada por mulheres. Halberstam defende que lésbicas não desenvolveram uma estética *camp*, similar à de homens gays, não apenas porque são mulheres vivendo em um mundo cão, como defenderam as historiadoras Kennedy e Davis. Em vez disso, ela propõe que lésbicas – particularmente as machonas que rejeitam por completo papéis, comportamentos, vestuários e outros atributos femininos heterossexuais – também investiram em formas particulares de masculinidade. Em outras palavras, essas mulheres não perderam somente a feminilidade. Em vez disso, muitas delas cultivaram ativamente formas específicas de masculinidade como meio de fazer reivindicações à vida pública. Isso é importante nesse contexto porque Halberstam argumenta que as interpretações correntes sobre masculinidade repousam na suposição de que ela não é performativa. Ou seja, a masculinidade é presumida como natural, real, não problemática. A feminilidade, por outro lado, diz Halberstam – e aqui ela faz coro com vários outros comentadores, pelo menos desde Simone de Beauvoir e Joan Rivière –, “exala o artificial” (HALBERSTAM, 1998, p. 234).

Cheguei a uma conclusão semelhante em minha pesquisa sobre linguagem e transgênerismo (KULICK, 1999).

16 Em anúncios pessoais nos EUA, essa expressão é tipicamente abreviada como “GSOH”, ou seja, “Good sense of humor” (N.T.).

Descobri que a esmagadora massa de trabalhos sobre transgenerismo e linguagem estão preocupados com a linguagem de mulheres transexuais, isto é, homens que se transformam em mulheres. Em livros e artigos de e sobre homens transexuais (mulheres que se transformam em homens), questões de linguagem são virtualmente inexistentes. A razão dada na literatura para essa falta de preocupação com a fala mulher-para-homem é fisiológica: o estrogênio não tem efeito nenhum nas cordas vocais de homens que viram mulheres, o que significa que seu tom de voz permanece grave. Mas isso é diferente para as mulheres que se tornam homens. A ingestão de testosterona engrossa as cordas vocais, tornando, assim, a voz mais grave.

Como todos os que pesquisam linguagem e gênero sabem, entretanto, uma voz de gênero não se dá somente pelo tom. De fato, se você ler livros que orientam como mulheres transexuais devem falar, descobre que, de acordo com eles, falar como uma mulher envolve o domínio de uma série de habilidades que inclui não somente o tom e a entonação da voz, como também o vocabulário léxico, a sintaxe, o comportamento paralingüístico, como falar calmamente, e o comportamento não-verbal, como mexer mais a boca, olhar diretamente nos olhos dos outros ao falar, e sorrir e acenar com a cabeça de modo encorajador.

Por isso, a ausência de uma literatura que oriente homens transexuais a falar como homens é tanto uma questão ideológica quanto fisiológica. Reflete e suscita atitudes culturais difundidas que sustentam que ser um homem é evidente e nada problemático, enquanto ser uma mulher inclui um conjunto de procedimentos complicados. Esses procedimentos requerem cuidadoso respeito a instruções detalhadas e explícitas (geralmente dadas por homens) sobre como andar, falar, sentar-se, comer, se vestir, se mover e demonstrar afeto. Tudo isso é ainda compatível com o interessante fato de que, enquanto mulheres que se transformam em homens geralmente realizam poucas intervenções cirúrgicas (a maioria faz apenas mastectomias e, às vezes, lipoaspiração ao redor dos glúteos e dos quadris), muitos homens que viram mulheres passam anos retornando a cirurgias para submeter-se a diversos procedimentos e operações, incluindo implantes de seios, lábios e bochechas, *face-lifts*, rinoplastia, redução de

queixo e da traquéia, realinhamento de maxilar, depilação de sobrancelhas, remoção de costelas, peeling e cirurgia nas cordas vocais. Ser um homem, tanto nos modelos culturais quanto na prática sexual, parece mais fácil. Ser uma mulher requer orientação, assistência e muito, muito esforço.

A construtividade da feminilidade faz dela presa fácil para o humor. A mulher que levanta da cama de manhã enfeitada com bobs de cabelo e o rosto lambuzado de creme facial é um símbolo da comédia, enquanto um homem sem adornos, que se levanta da cama para tomar banho e barbear não é. O esforço e a habilidade requisitados para se vestir uma meia-calça fina de seda sem a rasgar, e depois pisar e se equilibrar em um salto fino de seis polegadas – isso é uma piada prestes a surgir. Escorregar em um par de meias e mocassins não é.

Meu objetivo aqui não é defender que homens não são engraçados. Ao contrário, sabemos que homens o são – a esmagadora maioria de comediantes da cultura ocidental é de homens. A questão que estou propondo é um pouco diferente: a *masculinidade* não é engraçada. Ela só se torna engraçada quando é vista como uma masculinidade fracassada, que não consegue personificar as qualidades sutis, evidentes, contidas e não-performativas que caracterizam as noções correntes do que deve ser um homem. Perceba a diferença: enquanto o humor é gerado a partir do *fracasso* da masculinidade, também é gerado a partir do *sucesso* da feminilidade.

Então por que lésbicas são consideradas como sem humor?

Isso nos traz de volta às lésbicas sem humor. Minha conclusão é de que lésbias não desenvolveram uma estética *camp* não só devido a sua história social particular, mas também devido a sua posição estrutural particular. Lésbicas estão posicionadas no centro de percepções que sustentam que: a) mulheres não têm nenhum senso de humor real, exceto em relação aos homens; b) mulheres que não se envolvem em relações heterossexuais perdem sua feminilidade e, conseqüentemente, tornam-se masculinizadas; e, finalmente, c) masculinidade não tem graça. Quando esses três planos ideológicos colidem, produzem a lésbica sem humor: uma

figura que pode ser motivo de riso, mas, que, ela mesma, não ri. O riso que ela gera resulta de uma percepção de que, como mulheres masculinizadas, tudo que lésbicas podem alcançar é a masculinidade fracassada. Isso as torna engraçadas, de fato – lésbicas “vestidas com camisas de flanela, acima do peso, com pernas cabeludas e ‘inimigas do homem’” são um símbolo da comédia sobre lésbicas.

No entanto, lésbicas machonas, como as discutidas por Kennedy e Davis – aquelas que investem na masculinidade para proteger outras lésbicas e defender o espaço das mulheres na esfera pública, e, novamente, aquelas que até hoje servem como o arquétipo da aparência e comportamento lésbicos –, aquelas mulheres não se viam como produtoras de uma masculinidade fracassada. Ao contrário, elas se esforçaram para personificar um tipo de masculinidade dotada de sentido, taciturna, não-irônica e contida, que deriva de e resulta em poder e privilégios reais no mundo real. O problema é que, pelo fato de que a masculinidade mesma é percebida como não-performativa, tentativas conscientes de desempenhá-la podem apenas fracassar. Esse fracasso perpétuo, adicionado ao fato de que antigas machonas não davam a menor atenção irônica a sua performance da masculinidade – diferentemente de bichas, não colocavam suas performances de gênero entre aspas bem grandes –, resultou em fazer das lésbicas um ícone da seriedade e da ridícula falta de senso de humor.

Examinei o estereótipo das lésbicas sem humor para pensar sobre uma questão mais abrangente relativa ao humor. E essa questão é simples: assim como a cultura e as estruturas sociais produzem o humor, elas também produzem a falta de humor. Em pesquisas sobre humor, examina-se geralmente por que certas coisas, certas relações e certos tipos de pessoas são engraçados. Mas certamente isto é tão interessante quanto investigar por que outras coisas, relações e pessoas não são engraçadas. De fato, os processos através dos quais a falta de senso de humor é produzida são importantes, porque, como já observei, considerar um grupo de pessoas como sem humor pode ser uma maneira de minimizar sua reivindicação de humanidade comum. Neste sentido, as consequências sociais de ser estereotipado como sem humor são tudo menos engraçadas.

Referências

- ADLER, Hermann. (1893), "Jewish wit and humour". Em: KNOWLES, James (org.) *The nineteenth century: A monthly review*. Londres, Sampson, Low, Marston & Co., pp. 457-469.
- ADLER, Ruth. (1998), "Shalom Aleichem's 'On account of a hat'". Em: ZIV, Avner (org.) *Jewish humor*. New Brunswick e Londres, Transaction Publishers, pp 19-28.
- BARRECA, Regina (org.) (1988), *Last laughs: Perspectives on women and comedy*. Nova York, Gordon and Breach.
- _____. (1992), *New perspectives on women and comedy*. Philadelphia, Gordon and Breach.
- BBC News 2000. "Vowels to blame' for German grumpiness", 25 August (<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/895503.stm>).
- BECHDEL, Alison. (2000), *Post-dykes to Watch Out For*, Vol. 9. Ann Arbor, Firebrand Books.
- BILLIG, Michael. (2005), *Laughter and ridicule: Towards a social critique of humour*. Londres: Sage.
- BING, Janet [e] HELLER, Dana. (2003), "How many lesbians does it take to screw in a lightbulb?" *Humor* nº 16 (2): pp. 157-82.
- BUCKLEY, F.H. (2003), *The morality of laughter*. Ann Arbor, University of Michigan Press.
- CRITCHLEY, Simon. (2002), *On humour*. Londres e Nova York, Routledge.
- DAVIES, Christie. (2004), "Lesbian jokes: Some methodological problems. A reply to Janet Bing and Dana Heller". *Humor* nº 17 (3): pp. 311-21.
- DELARIA, Lea. (2000), *Lea's book of rules for the world*. Nova York, Dell.
- DIMASSA, Diane. (1999), *The complete Hothead Paisan: Homicidal lesbian terrorist*. São Francisco, Cleis Press.

- FINNEY, Gail (org.) (1994), *Look who's laughing: Gender and comedy*. Amsterdam, Gordon and Breach.
- FOLKENFLIK, Vivian. (1987), *An extraordinary woman: Selected writings of Germaine de Staël*. Nova York, Columbia University Press.
- GRAY, Frances. (1994), *Women and laughter*. Charlottesville, University Press of Virginia.
- GREEN, Sarah. (1997), *Urban amazons: Lesbian feminism and beyond in the gender, sexuality and identity battles of London*. Basingstoke, MacMillan Press Ltd.
- HALBERSTAM, Judith. (1998), *Female masculinity*. Durham e Londres, Duke University Press.
- HOROWITZ, Susan. (1997), *Queens of comedy: Lucille Ball, Phyllis Diller, Carol Burnett, Joan Rivers and the new generation of funny women*. Philadelphia, Gordon and Breach.
- JAMESON-CEMPER, Kathleen (org.) (2000), *Madame de Staël, selected correspondences*. Translated by Georges Solovieff. Dordrecht, Boston e Londres, Kluwer Academic Publishers.
- KENNEDY, Elizabeth Lapovsky [e] DAVIS, Madeline. (1993), *Boots of leather and slippers of gold: The history of a lesbian community*. Nova York, Routledge.
- KULICK, Don. (1999), *Transgender and language: A review of the literature and suggestions for the future*. GLQ 5 (4): pp. 605-22.
- MADRONE, Hawk. (2000), *Weeding at dawn: A lesbian country life*. Binghamton (NY), Harrington Park Press.
- MCDONALD, Sharon. (1984), "Lesbian feminist comedy: Dyke humor out of the closet". Em: JAY, Karl [e] YOUNG, Allen (orgs.) *Lavender culture*. Nova York, Jove/HBJ, pp. 295-98.
- ORLEANS, Ellen 2001. *The inflatable butch*. Los Angeles, Alyson Books.
- PENELOPE, Julian [e] WOLFE, Susan J. (1979), "Sexist slang and the gay community: Are you one too?" *Michigan Oc-*

casional Papers, nº 14. Ann Arbor, University of Michigan Press.

QUEEN, Robin. (1997), "I don't speak stritch: Locating lesbian language". Em: LIVIA, Anna [e] HALL, Kira (orgs.) *Queerly phrased: Language, gender and sexuality*. Oxford, Oxford University Press, pp. 233-56.

_____. (2005), "How many lesbians does it take...?": Jokes, teasing, and the negotiation of stereotypes about lesbians. *Journal of Linguistic Anthropology*, nº15 (2), pp. 239-257.

PROVINE, Robert R. (2000), *Laughter: A scientific investigation*. Nova York, Faber and Faber.

RODGERS, Bruce. (1972), *The queen's vernacular: A gay lexicon*. Londres, Blond & Briggs.

ROSTEN, Leo. (1996), *Leo Rosten's carnival of wit from Aristotle to Woody Allen*. Nova York, Plume/Penguin.

TACITUS, Publicus Cornelius. (1999), *Agricola and Germany* (Oxford World Classics). Translated by A.R. Birley. Oxford, Oxford University Press.

TRACEY, Liz [e] PORKORNY, Sydney. (1996), *So you want to be a lesbian? A guide for amateurs and professionals*. Nova York, St. Martin's Griffin.

WALTERS, Suzanna Danuta. (2001), *All the rage: The story of gay visibility in America*. Chicago, University of Chicago Press.

WEBER, Max. (2002), *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. Oxford, Blackwell.